

## RESENHA

CORREA, P. G. *História, Política e Revolução em Eric Hobsbawm e François Furet*. São Paulo: Annablume, 2008, 278p.

### FAZER HISTÓRIA, PENSAR A POLÍTICA E INQUIRIR AS REVOLUÇÕES: TENSÕES ENTRE HOBSBAWM E FURET

Diogo da Silva Roiz<sup>1</sup>

ROIZ, D. da S. Fazer história, pensar a política e inquirir as revoluções: tensões entre Hobsbawm e Furet. **Akrópolis**, Umuarama, v. 22, n. 2, p. 203-204, jul./dez. 2014.

Os caminhos, quase sempre, se cruzam quando se narra a história, pensa a política e se inquire as revoluções; mas, igualmente, abrem-se descaminhos quando se narra a mesma história, se pensa a mesma política e se inquire a mesma revolução. E isso não foi diferente na trajetória de Hobsbawm e Furet, como nos indica Priscila Gomes Correa. Ambos fizeram e fazem história, por meio de suas obras e de suas ações. Ambos pensam e agem politicamente engajados, e igualmente inquiriram as revoluções do passado e do presente. Contudo, em não poucas ocasiões, ao fazerem isso os descaminhos entre ambos foi maior que o cruzamento de caminhos, em torno de uma interpretação em comum sobre a história, a política e a revolução.

Se ao longo de sua trajetória Furet se voltou contra a herança do marxismo, sendo crítico de suas propostas políticas e metodológicas, Hobsbawm permaneceu fiel aos seus ideais. Como menciona Nicolau Sevcenko, ao apresentar a obra, Furet se tornou crítico do marxismo e das supostas posturas teleológicas nele atribuídas, adotando “um modelo epistemológico supostamente racional e científico, politicamente neutro e sem outra dimensão crítica que a indeterminação dos agentes históricos e de seus atos [...] [e] acaba se alinhando a instituições conservadoras, corporações internacionais [...] alinhados à direita e ao Departamento de Estado norte-americano, vindo a definir o que se convencionaria chamar de ‘pensamento único’ típico do neoconservadorismo que emergiu no hemisfério norte nos anos 80, difundindo-se para o sul nos 90 [do século passado], prevalecendo desde então por toda parte até os dias atuais”. Por sua vez, Hobsbawm “ao contrário, fiel às suas convicções originais, tem se mostrado admiravelmente flexível nas suas interpretações, ciente do peso e das mudanças decisivas desencadeadas pelas novas tecnologias e pelos novos desafios ao pensamento teórico e crítico” (p. 12).

O estudo em pauta, além de delinear todos os contornos das trajetórias dos dois autores, também faz uma análise detalhada da maior parte da obra de ambos. Para efetuar sua análise, igualmente a autora se pautaria em duas tradições de história intelectual, a francesa, com ênfase na obra de Roger Chartier (na qual o campo das práticas e das representações que os indivíduos

<sup>1</sup>Professor do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Amambai. Doutor em História pela UFPR, onde está fazendo estágio de pós-doutorado. E-mail: diogosr@yahoo.com.br.

os constroem sobre o mundo, de modo a impô-la para as massas, é um dos pontos essenciais de sua abordagem), e a inglesa, expressa pelo contextualismo linguístico vinculado a escola de Cambridge, que tem em Quentin Skinner e John Pocock seus principais praticantes (ao proporem o estudo das condições de formação dos jogos linguísticos, das intenções e das predisposições dos atores no grupo e em sua época). Foi justamente vislumbrando as representações que Hobsbawm e Furet construíram sobre a história, a política e a revolução, que a autora procurou inquirir quais os jogos linguísticos, estratégias e intenções que tinham em vista.

Dito isso, a autora refaz os caminhos que levaram os autores a ‘fazer história’, como historiadores, a pensar a ‘política’, como cidadãos engajados em seus projetos, e a inquirir a ‘Revolução Francesa’, e seus desdobramentos contemporâneos, como mote para projetar a emancipação humana e a liberdade de pensamento e ação. De início, preocupa-se em dar os principais contornos da história da historiografia inglesa e francesa do século passado, na qual os autores perpassaram com suas obras e contribuições. Resume a trajetória de ambos, dando destaque aos locais que passaram, as leituras que fizeram, aos grupos que se aproximaram, ou se engajaram politicamente, assim como aos livros que escreveram. Detém-se com maior atenção em suas obras metodológicas, como *A oficina da história* de Furet, e *Sobre história* de Hobsbawm, com vistas a situar como cada um deles pensou e praticou a história e sua escritura. Interroga-se sobre os vínculos políticos que construíram ao longo do tempo, e de que maneira o marxismo marcou cada um. Para ela, é “importante lembrar que mesmo o marxismo compondo a base das concepções de história tanto de Hobsbawm quanto de Furet, as divergências reveladas por esse paralelo não permitem uma simplificação que transcenda o fato concreto de que cada um dos historiadores apresenta sua abordagem sobre um suporte específico de interpretação do discurso”, ou mais precisamente “existem duas possibilidades de abordagem do marxismo, aquela que prefere utilizar a metodologia sugerida e outra que se concentra no comentário dos textos de Marx”. Nesse caso, Hobsbawm considera a primeira mais frutífera, enquanto Furet foi a vendo progressivamente como uma via inadequada, pois, equivocada.

Em vista disso, a autora passaria a ex-

plorar de que maneira viam a política, e como a estudaram e a praticaram em sua época. Igualmente resume os principais aspectos do período, sugerindo os caminhos que cada um fez, como pensaram o presente, e, como historiadores, questionaram, por essa razão, o passado. Dá ênfase aos debates que efetuaram, onde se aproximavam e onde se distanciavam em suas avaliações do presente e do passado. Detém-se nas interpretações que fizeram a respeito do século XX, com a análise das obras *Era dos extremos* de Hobsbawm e *O passado de uma ilusão* de Furet. Da mesma forma, investiga como abordaram o comunismo e o totalitarismo.

Por fim, discute como pensaram a Revolução Francesa, como interpretaram sua historiografia e quais contribuições trouxeram para o tema das revoluções. Da mesma forma faz referência sobre os pontos em que convergem na interpretação e onde se distanciam. Para ela, enquanto a “história estaria demonstrando que não fazia mais sentido que a Revolução permanesse no centro das representações e disputas políticas contemporâneas [para Furet] [...] para Hobsbawm [...] a coisa boa era, justamente, a ‘volta’ dessa referência revolucionária” (p. 249). Mas, “apesar dos contrastes, as visões de história, política e revolução de ambos possuíam as suas devidas fundamentações, não cabendo julgamentos de valor que tendem para o âmbito da polêmica ideológica”. Além disso, “pretendia-se abarcar o conjunto das suas reflexões naquilo que possuíam de comparável, mas suas trajetórias envolventes puderam nos levar muito além da historiografia, e este paralelo acabou revelando a importância desses dois pensadores também para a compreensão dos dilemas políticos que permearam a existência da maioria dos homens e mulheres do século XX” (p. 251).

Portanto, ao buscar abordar a obra e a trajetória de Hobsbawm e Furet, dando ênfase ao tratamento que deram a história, a política e a revolução, a autora traz contribuição significativa, não apenas para pensarmos esses autores e as sugestivas leituras que fizeram da história contemporânea, mas também dá mostra de uma bem costurada postura metodológica, por meio do adequado cotejamento e articulação de duas tradições de história intelectual. Nesse sentido, o texto é sugestivo e instigante, além de favorecer uma agradável leitura.